

DEVOÇÕES MARIANAS: TENSÕES E CONFLITOS NO CAMPO
RELIGIOSO SUL RIO-GRANDENSE (BRASIL, 1950-1980)

*Marian Devotions: Tensions and Conflicts in the Religious Environment
of the Rio Grande do Sul State (Brazil, 1950-1980)*

Marta Rosa BORIN*

Fecha de recepción: noviembre del 2014

Fecha de aceptación y versión final: agosto del 2015

RESUMO: Este estudo empírico analisa as tensões em torno da devoção à Mãe Rainha Três Vezes Admirável de Schöenstatt, a qual pode ser entendida como uma forma de resistir às mudanças propostas pelo Concílio Vaticano II no que tange a piedade popular. Essa devoção surgiu na Alemanha, em Schöenstatt, 1914, e se expande a vários países europeus. Nos anos de 1930 chega ao Brasil consolidando-se, em 1948, com a fundação do seu primeiro santuário na cidade de Santa Maria, no Estado do Rio Grande do Sul. Através do protagonismo dos leigos esta devoção mariana foi difundida para outros estados brasileiros e também para outros países latino-americanos. Argumentamos que as tensões em torno desta devoção mariana estariam relacionadas, não somente à figura de seu fundador, o padre José Kentenich, como pretende a literatura eclesiástica, mas às pretensões da Igreja em alcançar um catolicismo mais esclarecido em matéria de fé e religião que coadunasse com o projeto de nação católica pretendido pelo Estado Vargasista. Para tanto o clero dedicou especial atenção a outra invocação mariana, Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, com a qual pretendia combater o comunismo.

PALAVRAS-CHAVE: catolicismo, poder, tensão, instituição.

ABSTRACT: This empirical study analyzes tensions around the devotion to the Mother Queen Thrice Admirable of Schöenstatt, which can be understood as a way to resist the changes proposed by the Second Vatican Council with regard to popular piety. This devotion emerged in Schöenstatt, Germany, in 1914, and expanded to several European countries. In the 1930s it arrived in Brazil consolidating

* Marta Rosa BORIN – Doutora em História pela UNISINOS; Professora do Departamento de Metodologia do Ensino/Centro de Educação; Professora do Programa de Pós-Graduação (PPG) em História e do PPG em Profissionalizante em Patrimônio cultural da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS/Brasil); membro do GT História das Religiões e Religiosidades, Seção Rio Grande do Sul da Associação Nacional de História (GTHRR/RS/ANPUH/Brasil). E-mail: mrborin@gmail.com.

itself with the foundation in 1948 of its first sanctuary in the town of Santa Maria, located in the state Rio Grande do Sul. Thanks to the role of layman, this Marian devotion was disseminated to other Brazilian states and to other Latin American countries. It's argued that the tensions around this Marian devotion would be related not only to the figure of its founder, priest José Kentenich, as presented by the ecclesiastical literature, but to the claims of the Catholic Church to achieve a more enlightened religion in matters of faith and religiosity, as expected by the Catholic nation project intended by the Vargas State. For this reason, clergy paid special attention to other Marian devotion, Our Lady Mediatrix of All Graces, with which he intended to fight communism.

KEYWORDS: Catholicism, power, tension, institution.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As nossas indagações sobre a expansão da devoção à *Mãe Rainha Três Vezes Admirável de Schöenstatt* resultam da possibilidade de revisitar o catolicismo integral, enquanto fenômeno orientado pela busca de projetos que visavam “restaurar” o cristianismo para mudar a vida da pessoa e da sociedade a partir das concepções e dogmas católicos característicos do século XIX, que não coadunavam com o modernismo e rechaçavam o liberalismo, sendo o *Syllabus* um referencial neste sentido¹. A devoção a Mãe Admirável está relacionada ao Movimento Apostólico de Schöenstatt, fundado, em 1914, na Alemanha pelo sacerdote José Kentenich cuja proposta filosófico-pedagógica, na nossa concepção, coadunava com o catolicismo integral, que, desde o século XIX, objetivava realizar profundas transformações institucionais, doutrinárias e, sobretudo, combater a difusão das ideias socialistas.

No Brasil, o projeto conhecido como romanização² teria chegado ao amadurecimento nos anos de 1930. Nesta época, estavam em curso o pro-

¹ Estamos usando a concepção do catolicismo integral ou intransigente empregada pelo sociólogo Fortunato Mallimaci ao analisar o campo religioso argentino. F. Mallimaci, *Religión, modernidad y catolicismo integral en Argentina*. Perfiles Latinoamericanos, Faculdade Latino Americana de Ciências Sociais, México 1993, no. 2, jun, pp. 105-131.

² A romanização está relacionada a aproximação da Igreja católica ao projeto de Roma. O ultramontanismo começa a se esboçar no Brasil, durante o Segundo Reinado, “quando Roma torna-se o pólo propulsor do pensamento e da ação eclesiástica”, devido à entrada no País de diversos institutos religiosos que se tornam porta-vozes da Santa Sé no intuito de

cesso de clericalização da Igreja e do catolicismo, bem como o processo de nacionalização brasileiro que tinha uma padroeira nacional, Nossa Senhora Aparecida, oficialmente aclamada em 1931 com total apoio do governante Getúlio Vargas. Além disso, foi inaugurado por iniciativa de Dom Sebastião Leme, então Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, a estátua do Cristo Redentor. O discurso oficial de inauguração³ foi proferido pelo arcebispo metropolitano de Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul, a convite de D. Sebastião Leme⁴ que concedeu a Dom João Becker (1912-1946) uma oportunidade de representar o Estado na cerimônia, uma vez que a padroeira do Brasil havia ficado com o Estado de São Paulo e o governo brasileiro havia sido conquistado pelo gaúcho Getúlio Vargas. Este, simpaticamente de Dom João Becker que, por seu turno, apoiava as iniciativas do jesuíta Inácio Valle, promotor da devoção a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, no Rio Grande do Sul.

No entanto, a difusão da devoção a Mãe Rainha Três Vezes Admirável de Schönstatt no Brasil, mais notadamente no Rio Grande do Sul, foi marcada, em algumas cidades do Brasil, por tensões entre os sacerdotes do clero diocesano, apoiadores da devoção a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, e os do clero regular.

Assim, enquanto fenômeno em torno das conexões entre redes de atores, neste caso, a Igreja e o Estado, o catolicismo integral no Brasil conta-

marginalizar o clero liberal. O ultramontanismo significava a adesão à Santa Sé, a fidelidade à ortodoxia religiosa, a confiança na autoridade absoluta do Papa em matéria de fé e disciplina, fenômeno que ficou conhecido como romanização da Igreja no Brasil. É uma doutrina e política de um catolicismo tradicionalista que reconhecia no liberalismo um caminho para a decadência moral. Não bastava ser batizado, era preciso ser católico romano. Cf. R. Azzí, *O altar unido ao trono: um projeto restaurador*, Paulinas, São Paulo 1991, pp. 114-126 e 151; G. Martina, *História da Igreja: de Lutero a nossos dias. O período da reforma*, Loyola, São Paulo 1997, pp. 57-78; A.B. Rambo, *A Igreja da Restauração Católica no Brasil Meridional*, em: M.N. Dreher (org.), *Populações rio-grandense e modelos de Igreja*, Ed. Sinodal/EST, Porto Alegre/ São Leopoldo 1998; e R. Dias, *Imagens de ordem. A doutrina católica sobre autoridade no Brasil (1922-1933)*, UNESP, São Paulo 1996.

³ “O Cristo Redentor: discurso oficial, alocução, saudações, mensagens e apreciações: Introdução”. In: UNITAS”, *Revista Eclesiástica de Porto Alegre*, ano XVIII, no. 11 e 12, nov.-dez., pp. 618 a 620, ACPMA, Porto Alegre 1931.

⁴ D. Sebastião Leme da Silveira Cintra, Arcebispo do Rio de Janeiro foi também elevado ao cardinalato em 18.4.1930 a 17.10.1942.

ria com estas devoções marianas como mecanismo de controle dos populares, num período em que o governo brasileiro combatia a afluência de ideias comunistas no território nacional.

Se os líderes religiosos, Inácio Valle e José Kentenich se opunham as ideias comunistas e socialistas, bem como líderes políticos, como o governante Getúlio Vargas, qual seria o motivo da tensão? E por que o palco deste conflito seria uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, Santa Maria?

Vamos considerar o mundo católico como um universo associativo que comporta indagações sobre suas redes sociais, valores, significados e intenções, provocação que Bourdieu sugere analisar em relação ao campo religioso. Assim, este será tratado como um espaço de jogo onde agentes sociais lutam de acordo com seus interesses, neste caso, agentes religiosos de origem europeia, representantes do clero católico, italiano e alemão, e atores políticos, como o governante Getúlio Vargas.

Com a separação do Estado, após a implantação da República, a Igreja católica passou a perder prestígio no campo político e deixou de ser prioritária no campo religioso. Para reverter o quadro de influência seus financiadores colaboraram com o projeto de Restauração católica, uma proposta que visava a “sacralização do mundo”, combatendo o que consideravam seus opositores: o comunismo, o protestantismo, a maçonaria e outras crenças⁵. No entanto, as tensões intramuros inauguraram uma nova etapa dessas ofertas religiosas encontrando no mercado turístico-religioso uma forma de convergência para amenizar as diferenças no campo religioso católico.

A DEVOÇÃO A NOSSA SENHORA MEDIANEIRA DE TODAS AS GRAÇAS, PADROEIRA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, BRASIL

Acreditando no poder místico de *Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças* diante da eminência da guerra civil de 1930, o jesuíta Inácio Valle passou a invocá-la pedindo pela proteção da cidade de Santa Maria

⁵ M.R. Borin, *Por um Brasil católico: tensão e conflito no campo religioso da República*, UNISINOS, (Tese) Doutorado, São Leopoldo 2010.

onde, à época, atuava como professor na escola de formação sacerdotal. Os jornais da época indicavam que as cidades seriam atacadas pelos revoltosos, mas como isto não aconteceu em Santa Maria o fato foi atribuído às orações de suplica a Medianeira pela proteção da cidade. O prodígio de tal invocação rendeu vantagens ao clero católico que passou a organizar romarias em honra à santa e a aventar a necessidade da construção de um Santuário para receber os devotos. Este projeto, para uma cidade do porte de Santa Maria, à época com aproximadamente 30 mil habitantes, sinaliza que a expectativa do clero era, não somente projetar a devoção e trabalhar pela afluência de muitos devotos, mas, também, fazer desse poder simbólico um mecanismo de controle da afluência do ideário comunista entre os operários.

Neste sentido, o clero diocesano de Santa Maria contou com o apoio do Arcebispo Metropolitano, Dom João Becker (1912-1946), e a devoção foi sendo projetada em nível estadual e nacional. O propósito foi tomando vulto e os líderes religiosos católicos lograram que ela fosse reconhecida, ao menos oficialmente, como Padroeira do Estado do Rio Grande do Sul e também Padroeira dos operários, pois, para o clero católico a afluência das ideias comunistas poderia desviar os trabalhadores brasileiros dos princípios cristãos. Para reforçar estas iniciativas do clero, D. João Becker afirmava que Nossa Senhora Medianeira era modelo, símbolo de aprovação e aceitação por parte do governo brasileiro das ações da Igreja junto aos operários, pois a Igreja havia confiado a ela o controle da movimentação comunista entre os operários no Rio Grande do Sul.

Percebe-se que essas iniciativas estavam ligadas a um projeto maior, o de legar uma identidade católica à nação brasileira e da qual a cidade de Santa Maria seria um microcosmo. Como o governante Getúlio Vargas contava com o beneplácito daquele episcopado e vice-versa, as ações dos jesuítas em relação à cristianização da classe operária estavam respaldadas.

Assim, a preocupação da Igreja com a expansão das ideias comunistas no Brasil justificava a organização de Círculos Operários no Rio Grande do Sul, a ponto de, em 1933, a Federação dos Círculos Operários Católicos contar com treze círculos. Assim, quando no Estado Novo (1937-1945), Getúlio Vargas favoreceu a doutrina e a organização dos Círculos Operários, reprimindo ao mesmo tempo o movimento operário de esquerda, os Círculos

Operários se multiplicaram e os padres jesuítas foram um dos parceiros do Estado traçando suas próprias regras para a “salvação” da família operária.

A ideia de sacralizar a política social implantada após 1930 e restaurar a dignidade do trabalhador, de manter a nação católica afastada da sociedade de experiências radicais vindas pelo sindicalismo e pelo capitalismo liberal⁶, foi coroada, no nosso entender, em 1939, quando a Virgem foi elevada à condição de Padroeira dos Círculos Operários⁷. A devoção projetava Santa Maria e o catolicismo e indicava a confiança do governo no projeto da Igreja que visava à doutrinação dos operários dentro dos princípios e moral cristãos, e para que as ideias de comunismo não encontrassem espaço naquelas agremiações.

O objetivo dos jesuítas estava alinhado aos do Estado no que se referia a combater o comunismo, como, também, estavam tratando de afastar das famílias católicas os agnósticos e os anticlericais. Neste sentido, tinham o apoio do Estado para a criação de estabelecimentos de ensino populares, por exemplo, como um mecanismo de controle da propagação das ideias comunistas no Brasil.

Para oficializar as iniciativas da Igreja católica em prol da devoção à Padroeira dos operários ficou decidido no Concílio Plenário Brasileiro, reunido em 1939 no Rio de Janeiro, que, a partir de 1940, a festa em honra a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças teria “missa e ofício próprios” e seria celebrada a 31 de maio⁸.

O impulso dado a esta devoção mariana pelos jesuítas motivou o bispo de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Dom João Becker (1912-1946), a elevá-la a Padroeira do Estado, em 1942. O ideal do clero santa-mariense, representado pelo Bispo de Santa Maria, D. Antônio Reis (1931-1960), e do jesuíta, padre Inácio Rafael Valle estava sendo alcançado: a devoção se propagava e conquistava fiéis, e possibilitou a Santa Maria ser reconhecida por

⁶ J.J. Souza, *Círculos Operários: a Igreja Católica e o mundo do trabalho no Brasil*, FAPERJ, Rio de Janeiro 2002, pp. 152-155 e 187.

⁷ Valle, Pe. Inácio (1954). *Com Maria Mãe de Jesus: cruzadas de santas missas em honra e nas intenções da Virgem Medianeira*, Pallotti, Santa Maria 1952, p. 11; “História da devoção a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças”, *Copa em Revista*, Porto Alegre.

⁸ *Histórico do Movimento em torno da Mediação Universal de Maria Santíssima*, [19--], p. 8, Arquivo da Província dos Padres Jesuítas de Porto Alegre, Porto Alegre.

sua catolicidade em nível estadual e, também, em nível nacional por ser a cidade sede da padroeira dos Círculos Operários, organizados pelos jesuítas no Brasil.

A devoção a Nossa Senhora Medianeira, Padroeira dos Círculos Operários, somada a devoção a Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil, e o monumento ao Cristo Redentor, completava a ideia de que a Igreja católica consolidava seu prestígio diante da população e das autoridades públicas brasileiras. A Igreja externava visivelmente a ideia de que o Brasil era uma nação verdadeiramente católica após a Proclamação da República.

Para referendar ainda mais a confiança que poderia ser depositada na mediação de Nossa Senhora, os jesuítas e outros sacerdotes buscaram obter o reconhecimento pontifício daquele título. Segundo o padre Valle (1949), no V Congresso Eucarístico Nacional ocorrido em Porto Alegre, em 1948, o episcopado encaminhou ao Papa Pio XII (1939-1958) um documento de súplica pela definição do Dogma da Mediação Universal de Maria Santíssima.

Verifica-se assim, que os anos de 1930 a 1950 foram significativos para a reafirmação do catolicismo brasileiro, especialmente no Rio Grande do Sul, e que o jogo de interesses pela difusão da devoção a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças como a “mãe dos operários”, a “Senhora” do mundo do trabalho estava permeada pela manipulação das ideologias políticas e tinha o respaldo de grande parte do episcopado brasileiro.

A devoção a Nossa Senhora Medianeira permaneceu entre os populares com a ênfase dada pelo clero e pelo Estado, foi reconhecida pelos Círculos Operários do Rio Grande do Sul e os sacerdotes jesuítas, respaldados pelo Projeto de Restauração Católica, conseguiram difundir o catolicismo no meio operário. Tratava-se da sacralização do mundo – a *casecratia mundi*. Isto incluía os trabalhadores operários, lembrados e defendidos na *Rerum novarum*⁹ pois a ação do clero não deveria ficar restrita ao pietismo, às orações oficiais e populares, mas através do seu *corpus* podia alertar os dirigentes sobre outras questões, como a justiça no trabalho.

⁹ Carta encíclica escrita pelo papa Leão XIII, em 1891. Era uma carta aberta a todos os bispos, sobre as condições da classe operária.

Outra iniciativa do clero em prol desta devoção mariana e da afirmação do catolicismo no Rio Grande do Sul foi a construção do Santuário em homenagem a Nossa Senhora Medianeira na cidade de Santa Maria, ideia lançada em 1935 e concluída na década de 1970. Ele foi classificado como Santuário Basílica-Menor, título concedido em 1987 pela Sagrada Congregação para o Culto Divino¹⁰.

KENTENICH E DEVOÇÃO À MÃE RAINHA TRÊS VEZES ADMIRÁVEL DE SCHÖENSTATT

Nos anos de 1940, com a presença do padre José Kentenich foi inaugurado em Santa Maria outro Santuário. Este dedicado a Mãe Rainha Três Vezes Admirável de Schönstatt, o primeiro no Brasil.

Neste caso, agenciadores católicos do campo religioso brasileiro, membros do Movimento Apostólico de Schönstatt, sacerdotes, religiosas e leigos, disputaram a legitimidade da devoção em benefício de um catolicismo muito semelhante ao catolicismo integral, por sua pedagogia austera, desvinculada do fator político. Talvez por este motivo as tensões no campo religioso relacionadas a esta devoção mariana fossem, mais notadamente, encontradas entre membros do clero sul rio-grandense, portanto estavam pautadas nos interesses daqueles agenciadores.

José Kentenich, sacerdote de origem alemã, fundador do Movimento Apostólico de Schönstatt, diferente do padre Valle, conseguiu congregar em torno daquela agremiação leigos pertencentes a elite social, muitas vezes esclarecidos em matéria de fé e religião.

¹⁰ O Santuário Basílica de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças foi classificado como Basílica Menor, título concedido pela Sagrada Congregação para o Culto Divino, no dia 5 de janeiro de 1987. E no dia 31 de maio do mesmo ano, o decreto pontifício foi executado. É o primeiro do Rio Grande do Sul. Este título, para a Liturgia e a Pastoral da Igreja Católica, segundo a regulamentação de 06 de junho de 1968, da Sagrada Congregação para o Culto Divino, declara “a concessão do título de Basílica Menor a uma Igreja que se vincula mais fortemente com a Cátedra de Pedro e se torna centro de peculiar empenho litúrgico e pastoral”. Para que esta idéia se concretize, a Sagrada Congregação estabelece algumas normas e exigências, disponível em: <http://www.diocesasantamaria.org.br> (consultado em: 16.06.2006).

Enquanto membro do corpo eclesiástico palotino, Kentenich viveu numa Alemanha que havia sido forjada pelo Estado principesco e pela aristocracia que, com Bismarck, conheceu a abertura para a cultura, que identificava a nação pelas tradições da classe média¹¹. Este sacerdote, já em 1914, pretendia formar um homem maduro espiritualmente que fosse difusor do cristianismo, que valorizasse as culturas nacionais, pretendia formar um “homem novo”. De outra parte, o chanceler lutava contra a Cúria Romana no momento em que esta já havia decretado a infalibilidade papal. Ao desencadear a *kulturkampf*, “luta pela cultura”, afastava a religião da política e renovava as tradições alemãs com o objetivo de mudar a imagem política da Alemanha, pois desde o século XIX, o termo “cultura” (*kultur*) referia-se ao desenvolvimento da sociedade. Se considerarmos que a história cultural alemã é resultado da autoimagem da classe média politicamente excluída, Kentenich estaria propondo uma mudança de mentalidade, pois para a alta classe média alemã a política e assuntos de Estado representavam humilhação e falta de liberdade porque o Estado lhes outorgava a posição de cidadãos de segunda classe e lhes negava a maioria das posições de liderança, ao passo que a cultura representava a esfera de sua liberdade e de seu orgulho. Em pouco tempo a Alemanha se tornou um Estado forte e industrializado, seu poderio industrial e militar, associado ao nacionalismo, alarmava outros países, culminando na eclosão da I Guerra Mundial¹².

Como os resultados deste episódio, sobretudo para a população alemã, foram desoladores, o jovem José Kentenich procurou enfrentar as adversidades provocadas pela guerra construindo uma pedagogia original à época, e por outro lado combatendo os regimes totalitários através de suas palestras. O embrião do Movimento Apostólico de Schönstatt começou, então, com um grupo de jovens alemães que, desmotivados com a situação precária do país, reuniam-se com o religioso para orar numa capela abandonada, em Schönstatt. Ali foi gestado o Movimento leigo-religioso, ou seja, sujeitos engajados na propagação de um mundo mais humano se uniram para lu-

¹¹ N. Elias, *Os Alemães*, Zahar, Rio de Janeiro 1997.

¹² *Ibidem*.

tar como “apóstolos” de Cristo, o cristão integral, daí o nome daquela agremiação.

A proposta pedagógica de Kentenich é resultado de suas reflexões sobre os costumes da sociedade aristocrática alemã. Ele pretendia formar homens capazes de agir eticamente, conscientemente e, principalmente, “heroicamente”, em qualquer ambiente, em qualquer profissão¹³. Assim, organizou aquela agremiação de forma que podia congregiar tanto religiosos como leigos católicos.

Na percepção daquele líder religioso a hierarquia da Igreja não estava suficientemente capacitada para vencer os “erros coletivistas”, o “bacilo do pensar mecanicista”¹⁴. A concepção alemã de sociedade de sua época, que Dumont¹⁵ aponta como “doença totalitária”, de certa forma refletiu no pensamento de Kentenich, quando este considerava, por exemplo, a “mentalidade mecanicista” condutora do individualismo e do coletivismo marxista. Na sua pedagogia, Kentenich propunha um homem livre, independente intelectualmente, não um homem massa. Nos seus discursos criticava o nazismo como um sistema “bestializado”¹⁶. De acordo com a literatura eclesiástica foi com esta mentalidade e espiritualidade que superou o confinamento no campo de concentração em Dachau, impetrado pelo Reich.

A proposta de Kentenich estava centrada na formação de homens que agissem por convicção interior, com personalidade, com fundamentação racional, livres de paixões desordenadas, diferentes da mentalidade alemã

¹³ H.A. Morandé, *La propuesta evangelizadora de Schönstatt*, Patris, Santiago de Chile 1996.

¹⁴ V. Trevisan, *Movimento Apostólico de Schönstatt: introdução histórica*, vol 1., Pallotti, Santa Maria 1992.

¹⁵ L. Dumont, *O individualismo: uma perspectiva antropológica moderna*, Rocco, Rio de Janeiro 1993, pp. 126-127.

¹⁶ Para Kentenich o homem coletivista, que é preconizado no nacional-socialismo, apresentava na Alemanha três características: a diabolização, ou seja, “a mentira como sistema, pois tanto o nazismo como o bolchevismo se mascaram com uma pompa de pseudo-religião que na realidade nada mais é do que a pompa de satanás, o falso esplendor do demônio”; a bestialização, “uma consequência necessária da diabolização, onde o homem não é mais considerado como provido de Deus e dirigido para Deus, onde o homem trata a verdade a seu bel-prazer, o homem é provido somente do lado animal”; e a sua fanatização, ou seja, “uma homenagem heroica ao erro”. Cf. E. Monnerjahn, *Pe. Kentenich: uma vida pela Igreja*, Pallotti, Santa Maria 1977, pp. 111 e 112.

da época, onde o código aristocrático incluía o uso da violência na forma de duelos. Prática verificada inclusive entre as agremiações estudantis resultando em atitudes de dominação e subordinação, pois uma das funções das confrarias duelistas estudantis era a educação dos jovens, no sentido de inculcar-lhe um código padronizado da classe alta¹⁷. Kentenich pretendia valorizar a cultura que identificava cada nação, pois propunha uma formação humanista, a partir da cultura.

A pedagogia de Kentenich, frente à Igreja católica, previa formar um homem esclarecido em assuntos de religião que pudesse ser um disseminador dos dogmas católicos fora da Igreja. Ele criticava as penitências físicas praticadas nos seminários de educação sacerdotal, considerava a educação pouco preocupada com as relações humanas e mais voltada para a formação teológico-filosófica¹⁸. Ele contestava a posição dos professores que, no seminário queriam impor ideias como sendo verdade por sua autoridade, numa época em que deveria ser respeitada a figura do professor por sua condição.

A pedagogia de Kentenich englobava vários aspectos a serem aplicados na vida pessoal de leigos e religiosos, no sentido de torna-los reflexivos, maduros, centrados na autoeducação, ou seja, na compreensão da responsabilidade com seu próprio destino, usando conscientemente sua liberdade para amadurecer espiritual, política e profissionalmente.

Esta proposta pedagógica tornou-se uma espécie de compromisso consigo mesmo. Para afirmar sua convicção se comprometeu espiritualmente com a mãe de Jesus, invocada como Mãe Rainha Três Vezes Admirável de Schöenstatt. Este compromisso ele denominou *Aliança de Amor*. A primeira aconteceu no dia 18 de outubro de 1914, data que marca o dia da fundação do Movimento Apostólico de Schöenstatt, quando foi gestada a Congregação Mariana de Estudantes de Schöenstatt, que com o final da I Guerra Mundial foi transformada em União Apostólica. Nos anos seguintes fundou outras comunidades sacerdotais e laicais, os Institutos Seculares. São organizações federativas, pois cada Instituto é independente, o que os une é o reconheci-

¹⁷ N. Elias, op. cit.

¹⁸ H.A. Morandé, op. cit.

mento da devoção mariana, a pedagogia do Movimento Apostólico e a importância do Santuário.

Institutos e Uniões possuem vida própria. As Ligas estão baseadas na paróquia, sob a jurisdição do pároco com inspiração na Central, ou seja, os padres de Schönstatt e as Irmãs de Maria, um Instituto secular feminino, fundado em 1926¹⁹. Já a União Apostólica está ligada à jurisdição episcopal. À União e a Liga Apostólica podem pertencer casais, homens, mulheres e jovens, que trabalham pela cristianização das famílias. A maioria dos membros deste Movimento leigo-religioso possui profissão definida e atuam na sociedade. Uma estrutura e organização diferente da estabelecida pelo clero diocesano, ou seja, que não seguem a uma ordem religiosa e constituem com o seu Bispo um presbitério com diversas funções.

A proposta pedagógica e ascética de Kentenich foi conquistando sacerdotes palotinos e leigos nas comunidades alemãs. Contudo, devido à aplicação do princípio federativo na condução do Movimento, as relações entre os padres palotinos e os schoenstatianos nem sempre foram pacíficas. Segundo Trevisan²⁰, a partir de 1935 começou a surgir divergências entre os sacerdotes. Com o tempo resultou numa cisão, de um lado os seguidores de Vicente Pallotti e de outro os de Kentenich. O caso foi levado ao Santo Ofício e a questão, resolvida em 1965, resultou na aprovação do Movimento Apostólico de Schönstatt sob a liderança do padre Kentenich que, com o aval da Santa Sé, pode dar continuidade a difusão do Movimento. Como resultado desta tensão, palotinos e schoenstatianos foram obrigados a optarem entre uma ou outra agremiação.

Mesmo que, nas décadas de 1950 e 1960, o Movimento Apostólico de Schönstatt tenha sido objeto da Visitação do Santo Ofício, sua estrutura já era reconhecida como Instituto Secular pela Constituição Apostólica *Provida mater ecclesia*, promulgada pelo Papa Pio XII em 1947.

Na Conferência dos Bispos Alemães, em 1948, o Movimento Apostólico de Schönstatt foi acusado por seus opositores de ter dupla face: uma

¹⁹ E.J. Uribur, *Passos de um Pai: presença e mensagem do Padre José Kentenich na América Latina: 1947-1952*, Instituto Secular dos Padres de Schönstatt, São Paulo 1997, p. 69.

²⁰ V. Trevisan, op. cit.

para a publicidade em geral e outra na intimidade, a qual mantinham reservas pelas características de misticismo e pelo procedimento anticlerical em relação à autoridade eclesiástica. Devido a estas objeções Kantenich, quando estava na Argentina em 1949, solicitou ao arcebispo alemão que a Obra de Schönstatt fosse estudada *in loco*.

No ano seguinte, o Visitador Apostólico analisava a tese do padre Kantenich em defesa de sua pedagogia. Em 1951, o consultor do Santo Ofício, padre Sebastião Tromp, propôs que Kantenich se afastasse voluntariamente do Movimento Apostólico de Schönstatt, caso contrário seria obrigado a abandonar a Europa. Assim, ele viveu quatorze anos nos Estados Unidos exilado na casa dos padres palotinos, em Milwaukee. Seguiu praticando o ofício de sacerdote e inaugurou um Santuário, em 1954. Obedecendo à ordem da autoridade eclesiástica de permanecer fora da Europa pregou retiros em alguns países como Brasil, Argentina, Uruguai e Chile.

Para Kantenich a Igreja não estava suficientemente capacitada para vencer os “erros coletivistas”, o “bacilo do pensar mecanicista” que corroíam profundamente sua vitalidade e a incapacitavam para ser a alma e a cultura do futuro.

Consciente de tudo o que sua pedagogia implicava, ele frisava que, usando hábito religioso ou não, um católico também sem votos perpétuos, convicto de sua decisão, podia a qualquer momento mudar de ideia e abandonar a congregação, pois as comunidades religiosas deveriam aspirar por liberdade e não por coação dos votos. O schoenstatiano deveria competir com aqueles que haviam feito votos e aspirar ao mesmo nível. Assim, um sacerdote, Irmão ou Irmã de Schönstatt poderia se desligar do Movimento sem precisar da mediação ou permissão da Santa Sé.

Além disso, alguns sacerdotes temiam que ele estivesse levando os membros do Movimento a um amor sistemático e exagerado por sua pessoa. Kantenich pregava que a perfeição podia ser alcançada tanto dentro como fora dos muros do convento. Esta ideia era contrária a opinião pública ou o que ensinava a Igreja e a literatura de formação de seu tempo.

No Brasil, as restrições em relação ao Movimento Apostólico de Schönstatt foram expressas, em 1953, em Santa Maria, Rio Grande do Sul, em carta do padre Valmor Wichrowski, secretário do bispo D. Antônio Reis

para assuntos do apostolado externo da diocese, endereçada ao Provincial dos padres palotinos. Nesta carta ele expressou o descontentamento do bispo em relação aos padres palotinos quando dizia que eles haviam criado uma “diocese dentro da diocese”. O secretário afirmava que havia lido algumas publicações sobre a pedagogia e a história do Movimento, mas não acreditava que a população local fosse compreender a proposta pedagógica do padre Kentenich²¹. Assim, para entender a indignação do epíscopo em relação ao Movimento de Schönstatt na diocese, sugerimos levar em conta as relações entre a Igreja e o Estado varguista à época e não somente as críticas à pedagogia e às palestras do fundador proferidas em Santa Maria, as quais foram consideradas “apocalípticas” e “messiânicas” pelo fato dele ter dado ênfase à vinculação ao Santuário de Schönstatt.

O Bispo da cidade havia dado licença para desenvolverem a devoção a Mãe Três Vezes Admirável de Schönstatt desde que “não prejudicasse a devoção a Nossa Senhora Medianeira Padroeira da diocese e nem tirasse o movimento do santuário oficial da diocese”. Ou seja, a devoção à Medianeira, iniciada na cidade nos anos de 1930, e o seu Santuário tinham a preferência do episcopado, pois esta devoção, de certa forma, tornara-se, com o apoio do Estado, um mecanismo de controle da classe operária, considerada subversiva.

Criou-se um mal-entendido entre alguns palotinos e o clero diocesano de Santa Maria gerando um clima de animosidade com o episcopado. Foram proibidas as reuniões, as romarias, a circulação das revistas e todos os tipos de leituras schoenstatianas; os termos “Santuário” e “Schönstatt” não poderiam ser mencionados, e o Santuário Tabor foi desativado.

Acreditamos que o processo de Visitação Apostólica ao Movimento de Schönstatt, de 1954 a 1965, pode ter alavancado as decisões do bispo de suspender na diocese de Santa Maria, e em todas as cidades de sua jurisdição, as atividades daquele Movimento leigo-religiosos. Por outro lado, este não teria sido o único motivo, pois, nesse período, o interesse do episcopado

²¹ As Irmãs de Maria de Schönstatt se estabeleceram em Santa Maria em 1935 e, em 1948, com a presença do padre José Kentenich foi inaugurado na cidade de Santa Maria o primeiro Santuário de Schönstatt do Brasil, denominado Santuário Tabor.

estava centrado nas atividades da Ação Católica, além disso, crescia o número de devotos que acorriam às romarias dedicadas a Nossa Senhora Medianeira, o que reafirmava o prestígio da devoção junto a Igreja e, conseqüentemente, ao poder público. Assim, as restrições e proibições dos bispos não estariam relacionadas à obediência destes episcopos à Santa Sé, porque os bispos, à época, estavam optando pela devoção mariana já consolidada na diocese, pois a exclusividade da devoção à Padroeira do Estado do Rio Grande do Sul e também dos Círculos Operários Católicos do Brasil já havia conquistado prestígio, não somente no campo religioso, mas também no campo político. Além disso, o Santuário em honra a Nossa Senhora Medianeira ainda não estava concluído e a diocese precisava da fidelidade financeira dos fiéis em suas festas e romarias para terminar a obra, bem como para manter a campanha em prol das vocações sacerdotais diocesanas.

D. Antônio Reis ao reforçar a predileção mariana na diocese deixava claro que, ao mesmo tempo em que estava em causa o processo de Visitação Apostólica ao Movimento de Schönstatt e a postura do seu fundador estava sendo investigada, também estava à devoção mariana. Com isto legitimava o significado da devoção a Nossa Senhora Medianeira no Estado como aquela que teria auxiliado no combate ao agnosticismo e ao anticlericalismo.

No entanto, segundo o padre Angel Strada²², “não existe nenhum documento válido emitido pela Santa Sé proibindo o Movimento Apostólico de Schönstatt nas dioceses do Brasil no período em que o mesmo foi submetido à Visitação Apostólica do Santo Ofício”.

Como esta questão, em nível local, causou divergências conhecidas, mormente, intramuros porque a população ainda desconhece os fatos que causaram esta celeuma, procuramos encontrar respostas àquilo que percebemos como tentativa de exercer o controle social por parte da liderança episcopal.

Não queremos afirmar que foi uma atitude personalista dos bispos. O fato é que estes líderes religiosos, num momento de tensão interna não esclareceram à sociedade a situação real do Movimento Apostólico de Schön-

²² A informação obtida com o padre Angel Strada, postulador da causa do padre Kentenich em Roma, por e-mail em 2008.

statt e sufocaram as decisões da Santa Sé em relação à figura do fundador. Agindo pela repressão preservaram a Igreja de críticas e de prováveis distorções do assunto, até mesmo entre os católicos.

Como resultado o Santuário de Schönstatt foi desclassificado como tal por alguns sacerdotes, bispos e alguns religiosos. O compromisso do episcopado em relação à devoção mariana da diocese estava intrinsecamente ligado ao controle das escolhas políticas da classe operária e isto pesou muito frente o anticomunismo.

Como a liberação oficial do Movimento Apostólico de Schönstatt pelo Santo Ofício não foi comunicada à sociedade santa-mariense e nem a revogação dos decretos contra o Movimento, entende-se que isto deu margem a permanência das tensões entre alguns religiosos, e a devoção válida para os eclesiásticos continuou sendo a da Medianeira e não a de um Movimento leigo-religioso problemático para a Igreja. No entanto, os dados encontrados apontam que o Movimento Apostólico de Schönstatt acabou se tornando reconhecido, nacional e internacionalmente, principalmente após o Concílio Vaticano II.

No Brasil, atualmente, existem, aproximadamente, vinte e um Santuários de Schönstatt, o primeiro erigido na cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, em 1948. O Estado sul rio-grandense, a partir de então, passou a contar com mais quatro Santuários de Schönstatt. Os outros santuários schoenstatianos concentraram-se mais notadamente nos Estados do sul do país. No Paraná e em São Paulo, por exemplo, foram erigidos quatro Santuários. Em Minas Gerais foram construídos três santuários de Schönstatt; em Pernambuco em duas cidades; um na cidade do Rio de Janeiro, outro em Brasília e outro em Salvador.

A rede de Santuários de Schönstatt na América Latina é significativa se comparada a da Europa, onde se originou a devoção. Os latino-americanos contam com um total de cinquenta e seis Santuários de Schönstatt, assim distribuídos: na Argentina são aproximadamente dezessete, três em Buenos Aires (no Centro, Belgrano e Villa Ballester) e outros em treze pro-

víncias; no Chile o número de Santuários schoenstatianos é ainda em maior número – foram erigidos vinte e um Santuários de Schönstatt²³.

Embora os Santuários de Schönstatt, em outros países latino-americanos aparecem em menor número, compõem, no conjunto com os demais, uma extensa rede desse movimento leigo-religioso. No Paraguai, por exemplo, foram erigidos três Santuários de Schönstatt: em Tuparendá, em Assunción e na Ciudad del Este; dois no Peru, em Tujillo e em Lima; um em La Paz, na Bolívia; dois na Colômbia; quatro no Equador: dois em Quito, um em Guayaquil e outro em Ciudad Celeste. Na América Central, foram construídos dois santuários schoenstatianos, um em Porto Rico e outro na República Dominicana. No México, encontram-se quatro Santuários de Schönstatt, em Monterrey, em São Luiz de Potosi, em Santiago de Queretaro e em Chilapa²⁴.

Nos EUA, os Santuários de Schönstatt estão concentrados nas cidades das regiões central e leste, num total de nove. Na Índia também foram edificadas quatro Santuários de Schönstatt, em Aloor, em Irinyalakuda, em Mudurai e em Bangalore. Já na África são em número de seis²⁵. O Movimento Apostólico de Schönstatt também chegou à Oceania. Na Austrália, em Mulgoa, Kew/Melbourn e Armadale e nas Filipinas, em Lawaan, na Ilha de Cebu.

Na Europa, tanto a Espanha quanto o Reino Unido e a Itália, possuem dois santuários. Estes seis somados aos da França, da Hungria, da Croácia, da Áustria e da República Checa totalizam onze santuários schoenstatianos, nem sempre nas capitais. No entanto, na Europa o número é mais expressivo em Portugal e na Polônia onde foram edificadas quatro santuários em cada um destes países. Na Suíça, são sete santuários schoenstatianos e na Alemanha, existem mais de cinquenta Santuários de Schönstatt edificadas²⁶.

²³ *Santuários de Schönstatt no mundo*, disponível em: <http://www.santuarios.schoenstatt.de> (consultado em: 20.10.2012).

²⁴ *Ibidem*.

²⁵ Em Ibadan, na Nigéria; em Bujumbura e Mutumba, no Burundi; Isingiro, na Tanzânia; em Johannesburg, Chatcart e Constancia, na África do Sul.

²⁶ *Santuários de Schönstatt no mundo*, op. cit.

A rede de devotos schoenstatianos foi se multiplicando através de outras estratégias para marcar o espaço do sagrado católico, como a construção de, aproximadamente, quinhentas Ermidas, que são marcos, geralmente construídos de cimento, colocados em lugares estratégicos das cidades com a imagem da Mãe Rainha Três Vezes Admirável de Schöenstatt. Outra forma de divulgação desta devoção é a distribuição das mais de vinte e oito mil capelinhas pequenas com a imagem da Mãe Rainha Três Vezes Admirável de Schöenstatt, denominadas de “Imagens Peregrinas” ou somente, “Peregrinas”, pois são levadas pelos leigos e religiosos nas casas das famílias e instituições, e quarenta e cinco imagens Auxiliares, que também são levadas às casas de famílias, hospitais, colégios, casas de crianças abandonadas, escritórios, casas geriátricas, institutos de cegos e drogados, expandindo assim a devoção e a pedagogia daquele movimento leigo-religioso. Segundo a tradição, estas imagens devem partir do Santuário de Schöenstatt de Santa Maria, Rio Grande do Sul, cidade protagonista desta prática popular de difusão da devoção, aliada à oração do Terço.

Desse modo, esta devoção mariana se tornou popular a partir da cidade sede da sua devoção e da devoção mariana que foi considerada pelo episcopado sua concorrente. E foi por iniciativa de católicos argentinos que a essa prática religiosa de difusão da devoção a Mãe Rainha Três Vezes Admirável de Schöenstatt começou a ser difundida na América Latina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se pretendeu realçar neste artigo foram os motivos que levaram o clero católico brasileiro a estimular os devotos a dar primazia a uma devoção mariana, especialmente no Estado do Rio Grande do Sul, em detrimento a outra, mesmo que para a Igreja os títulos das invocações marianas representem a mesma entidade, a mãe de Jesus.

As representações das devoções marianas foram compreendidas aqui como frutos de lutas históricas e sociais mais amplas geradoras de signos

e significados da religiosidade, estes definidos mediante as relações político-institucionais, no interior das quais os significados foram gerados.

A resposta da população a estes significados em Santa Maria pode ser medida pelo número expressivo de visitantes aos Santuários. O Santuário de Schönstatt, como representante do Movimento Apostólico de Schönstatt, é um local de visitação permanente e conta com a presença constante de pessoas, os “guardiões”, que zelam pelo lugar. Ao contrário do Santuário Basílica-Menor Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças que não tem, semanalmente, uma frequência significativa de frequentadores, não contempla espaço para os ex-votos e recentemente preocupou-se em divulgar visivelmente a memória do fundador da devoção à Medianeira em Santa Maria com a organização de um memorial. Esta invocação mariana foi sendo lembrada, principalmente como padroeira do Estado, mas pouco divulgada como padroeira dos operários, sendo que a maioria da população desconhece este último título. Nas paróquias da diocese, de modo geral, a invocação à Medianeira se dá mais notadamente no mês que antecede a romaria para preparar espiritualmente os fiéis e estimular a organização da festa em homenagem à santa. Recentemente a arquidiocese de Santa Maria conquistou um espaço na Rede Vida de televisão, um canal católico, para transmitir ao vivo uma missa a cada mês gravada no Santuário Basílica-Menor Nossa Senhora Medianeira de Santa Maria.

A frequência diária de fiéis ao Santuário de Schönstatt é mais expressiva do que a frequência de visitantes a Basílica Nossa Senhora Medianeira, talvez pelo fato de serem menos estimulados pelo clero diocesano a se beneficiarem das graças creditada pela Igreja católica ao fiel que visita um Santuário. No entanto, se o Santuário de Nossa Senhora Medianeira está incluído no roteiro turístico da cidade poderia ter um número mais significativo de visitantes que o Santuário de Schönstatt.

É expressiva a frequência de peregrinos que afluem ao Santuário de Schönstatt todos os dias 18, dia do documento de fundação do Movimento Apostólico de Schönstatt na Alemanha, quando ocorrem duas missas na capela do Centro Mariano: uma missa à tarde e outra à noite, devido ao grande afluxo de devotos. O número de frequentadores geralmente ultrapassa 600 pessoas em cada missa, pois este é o número de assentos da capela do Centro

que fica lotado, sendo que muitas pessoas permanecem em pé durante a celebração.

A frequência de pessoas à romaria em honra a Nossa Senhora Medianeira é considerada a maior do Estado, chegando a contar de 250 a 280 mil pessoas no segundo domingo do mês de novembro. No entanto a frequência diária à Basílica de Nossa Senhora Medianeira não é tão significativa, se comparada a do Santuário de Schönstatt e a da Igreja Catedral Metropolitana de Santa Maria, pois o Santuário de Schönstatt recebe diariamente, entre 500 a 550 peregrinos e a Igreja Catedral Metropolitana registra, em média, a visita de 700 a 1000 pessoas por dia. Já a Basílica Nossa Senhora Medianeira registrou, uma média de, aproximadamente, 41 visitantes por dia, entre 23 de janeiro de 2000 a 27 de dezembro de 2006, por exemplo.

Com estes dados percebe-se que, em geral, os devotos de Nossa Senhora Medianeira foram menos estimulados pelo clero diocesano a se beneficiarem das graças creditadas pela Igreja católica ao fiel que visita um Santuário. Esta observação pode ser respaldada pela diferença do número de visitantes e/ou devotos do Santuário Basílica Menor Nossa Senhora Medianeira, ao contrário do que acontece no Santuário de Schönstatt, onde a visita é permanente e em maior número.

Se, por um lado, a festa em honra a Medianeira, ao acumular bens de distinção religiosa constituiu-se num bem suscetível de acumulação, em torno do qual se estruturou o mercado do campo religioso católico gaúcho, por outro lado, os devotos da “Mãe Peregrina” trilharam um caminho paralelo, com maior prestígio em nível internacional do que local, pois os membros do Movimento Apostólico de Schönstatt, leigos e religiosos, tornaram sua devoção mariana uma importante manifestação de fé em nível mundial, num momento em que a Igreja incentivava os leigos a participar mais da política para defender os interesses do povo oprimido e da classe trabalhadora.

Simultaneamente, o mesmo Movimento leigo-religioso, considerado motivo de tensões intramuros, contribuiu, não somente para que a cidade de Santa Maria se tornasse um centro de peregrinações religiosas católicas, como também para que esta devoção mariana se propagasse a partir de Santa Maria para a América Latina, Europa, Ásia e África.

Para entender a preocupação do clero católico sul rio-grandense em evidenciar sua predileção pela devoção a Nossa Senhora Medianeira, levamos em consideração os embates contra o maçonismo, o protestantismo, o espiritismo e à afluência das ideias comunistas, principalmente entre os operários. Além disso, a historiografia eclesiástica²⁷ destaca o campo religioso brasileiro desde o final do século XIX marcado pela ignorância religiosa dos leigos e pela preponderância das devoções populares de caráter mais festivo. Assim, com esta devoção mariana, Santa Maria, ao se tornar um centro de peregrinação de devotos, reafirmava o catolicismo sul rio-grandense e acumulava um expressivo capital simbólico que, no campo religioso, se configurava como um “bem de salvação”, “um bem acumulado, produzido”²⁸, neste caso objeto central das tensões no campo das crenças que jogava como sobreposto ao prestígio, à autoridade e ao reconhecimento da Igreja.

Ao contrário da devoção a Mãe Rainha Três Vezes Admirável de Schönstatt que esteve mais voltada a renovação interna da Igreja devido a proposta de seu idealizador, ao que poderíamos relacionar ao catolicismo integral, com a finalidade de despertar nos sujeitos um posicionamento crítico, não somente diante das ideologias, mas também frente ao posicionamento de líderes religiosos, sejam eles católicos ou não.

REFERÊNCIAS

- Alessandri, Hernán (2002), *Padre José Kentenich: um fundador, um pai, uma missão*, Tradução de Gilberto Cavani, Pallotti. Santa Maria.
- Araújo, Maria Celina d' (org.) (1999), *As instituições brasileiras da era Vargas*, UERJ/FGV, Rio de Janeiro.
- Azzi, Riolando (1997), *O episcopado do Brasil frente ao catolicismo popular*, Vozes, Petrópolis.

²⁷ R. Azzi, *O episcopado do Brasil frente ao catolicismo popular*, Vozes, Petrópolis 1977; G. Bonfada, *Os palotinos no Rio Grande do Sul*, Pallotti, Porto Alegre 1991; K. O'Neil, *Apuntes históricos palotinos*, Pallotti, Santa Maria 1994.

²⁸ P. Bourdieu, *A economia das trocas simbólicas*, Perspectivas, São Paulo 1998, p. 30.

- Azzi, Riolando (1991), *O altar unido ao trono: um projeto restaurador*, Paulinas, São Paulo, pp. 114-126 e 151.
- Azzi, Riolando (1994), *A neocristandade: um projeto restaurador*. História do Pensamento Católico no Brasil, vol. 5, Paulus, São Paulo.
- Bonfada, Genésio (1991), *Os palotinos no Rio Grande do Sul*, Pallotti, Porto Alegre.
- Borin, Marta Rosa (2010), *Por um Brasil católico: tensão e conflito no campo religioso da República*, (Tese) Doutorado, UNISINOS, São Leopoldo.
- Bourdieu, Pierre (1998), *A economia das trocas simbólica*, Perspectiva, São Paulo.
- Brantzen, Hubert, et al. (1996), *Schönstatt Lexikon. Fakten ideen leben*, Patris/Verbete Santuário, Vallendar/Schönstatt.
- Brandão, Carlos Rodrigues (1986), *Os deuses do povo: um estudo sobre a religião popular*. 2. ed., Brasiliense, São Paulo.
- Brandão, Carlos Rodrigues (1988), “Ser católico: dimensões brasileiras um estudo sobre a atribuição através da religião”, em: V. Sachs, et al. (org.), *Brasil&EUA: religião e identidade nacional*, Graal, Rio de Janeiro.
- Dias, Romualdo (1996), *Imagens de ordem. A doutrina católica sobre autoridade no Brasil (1922-1933)*, UNESP, São Paulo.
- Dumont, Louis (1993), *O individualismo: uma perspectiva antropológica moderna*, Rocco, Rio de Janeiro.
- Elias, Norbert (1997), *Os Alemães*, Zahar, Rio de Janeiro.
- Fausto, Boris (1990), “A crise dos anos 20 e a Revolução de 1930”, em: B. Fausto (org.) *O Brasil Republicano: sociedade e instituições (1889-1930)*, Livro Terceiro: Cultura, Igreja, Ideologia e Diplomacia, 4. ed., tomo III, vol. 2, no. 9, (História Geral da Civilização Brasileira), Bertrand Brasil, Rio de Janeiro.
- Fausto, Boris (1976), *A Revolução de 1930: historiografia e história*, 4ta. ed., Brasiliense, São Paulo.
- Fausto, Boris (2006), *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso*, Companhia das Letras, São Paulo.
- Fernandéz, Rafael de A. (1998), *O trinta e um de maio: uma missão para nosso tempo*, Pallotti, Santa Maria.
- Fogelman, Patricia (1997), *Alrededor de una “imagen”. Los vecinos del santuario de Luján, 1630-1822*, Tese de Licenciatura, Universidade Nacional de Luján.
- Fogelman, Patricia (2003), “Reconsideraciones sobre los orígenes del culto a la Virgen de Luján”, *Entrepasados, Revista de Historia*, no. 23.

- Fogelman, Patricia (2006), “Coordenadas marianas: tiempos y espacios de devoción a la Virgen a través de las cofradías porteñas coloniales”, *Revista Trabajos y Comunicaciones*, Departamento de Historia, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Universidad Nacional de La Plata.
- Geertz, Clifford (1989), *A interpretação das culturas*, LTC, Rio de Janeiro.
- Histórico do Movimento em torno da Mediação Universal de Maria Santíssima*, [19--], p. 8, Arquivo da Provincia dos Padres Jesuitas de Porto Alegre, Porto Alegre.
- Kentenich, Pe. José (1977), *O Fundador Fala 1*. Conferências a Alocações para as Mães schoenstadianas e a família de Schönstatt, Centro Mariano, Santa Maria.
- O’Neil, Pe. Kevin (1994), *Apuntes Históricos Palotinos*, Pallotti, Santa Maria.
- Mallimaci, Fortunato (1993), “Religión, modernidad y catolicismo integral en Argentina”, *Perfiles Latinoamericanos*, Faculdade Latino Americana de Ciências Sociais, no. 2, jun., pp. 105-131.
- Monnerjahn, Engelbert (1977), *Pe. Kentenich: uma vida pela Igreja*, Pallotti, Santa Maria.
- Morandé, Hernán Alessandri (1996), *La propuesta evangelizadora de Schönstatt*, Patris, Santiago de Chile.
- Martina, Giacomo (1997), *História da Igreja: de Lutero a nossos dias. O período da reforma*, Loyola, São Paulo, pp. 57-78;
- Petersen, Silvia Regina Ferraz (2001), “*Que a união operária seja nossa pátria!*”: história das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações, Editora UFSM/ Ed. Universidade/UFRGS, Santa Maria/Porto Alegre.
- Rambo, Arthur Blásio (1998), “A Igreja da Restauração Católica no Brasil Meridional”, em: N. Dreher, Martin (org.), *Populações rio-grandense e modelos de Igreja*, EST/Sinodal, Porto Alegre/São Leopoldo.
- Rigo, Pe. Enio José (2006), *A romaria da Medianeira e a Eucaristia*, Biblos, Santa Maria.
- Rodeghero, Carla Simone (1998), “*O diabo é vermelho*”: imaginário anticomunista e Igreja católica no Rio Grande do Sul (1945-1964), EDUPF, Passo Fundo.
- Rosendahl, Zeny (2001), “Espaço, política e religião”, em: Z. Rosendahl, R.L. Corrêa (org.) *Religião identidade e território*, EdUERJ, Rio de Janeiro.
- Santuários de Schönstatt no Mundo*, disponível em: <http://www.santuarios.schoenstatt.de> (consultado em: 20.10.2012).
- Schneider, Roque, Barbieri, Francisco (1976), *Medianeira*, Rainha, Santa Maria.

- Souza, Jessie Jane (2002), *Círculos Operários: a Igreja Católica e o mundo do trabalho no Brasil*, FAPERJ, Rio de Janeiro.
- Süss, Günter Paulo (1979), *Catolicismo popular no Brasil: tipologia e estratégia de uma religiosidade vivida*, Loyola, São Paulo.
- Trevisan, Victor (1992), *Movimento Apostólico de Schönstatt: introdução histórica*, vol. 1 e 2, Pallotti, Santa Maria.
- Valle, Inácio Rafael ([1931] 1982), *História da devoção a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças em Santa Maria* (Texto retirado dos manuscritos do Pe. Valle datados de [s.n.], Pallotti, Santa Maria.
- Valle, Inácio Rafael (1949), *Vamos todos a Maria Medianeira*, Gráfica da Imprensa Oficial, Porto Alegre.
- Uriburu, Esteban J. (1997), *Passos de um Pai: presença e mensagem do Padre José Kentenich na América Latina: 1947-1952*, Instituto Secular dos Padres de Schönstatt, São Paulo.